



## **O jornal-laboratório como ferramenta imprescindível na formação em jornalismo: um *OutroOlhar* sobre o papel do jornalista na comunidade<sup>1</sup>**

Murilo Rodrigues ALVES<sup>2</sup>  
Joaquim Sucena LANNES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

### **RESUMO**

Diante de um contexto de reformulação do currículo dos cursos de jornalismo, este trabalho pretende mostrar como as atividades que envolvem o fazer do jornal-laboratório *OutroOlhar*, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), contribuem para a formação do futuro profissional. Isso porque são oportunidades em que os alunos vivenciam a rotina do fazer jornalístico e, principalmente, podem, juntamente com o professor, refletir sobre a prática, embasados pelas teorias estudadas ao longo do curso. De igual maneira, os trabalhos da redação do jornal-laboratório fazem com que os estudantes aprendam a importância do jornalismo para a transformação da realidade que o cerca, uma vez que precisam identificar os anseios e angústias do público-alvo para o qual escrevem.

**PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, jornal-laboratório, jornalismo impresso, formação em jornalismo, jornalismo e cidadania**

### **1 - INTRODUÇÃO**

Dois acontecimentos recentes fizeram que se retomasse a discussão sobre o papel da universidade na formação do futuro jornalista: acompanhamos a queda da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão e esperamos o parecer do Ministério da Educação acerca das Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo, elaboradas por uma comissão de especialistas, nomeada pelo MEC, que tem como finalidade reformular o currículo dos cursos de jornalismo de todo o país.

Nesse contexto, queremos apresentar, neste trabalho, um relato das atividades desenvolvidas para o jornal-laboratório *OutroOlhar*, do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa. Ele pode ajudar a fazer pensar como uma formação específica é importante, tendo em vista que nela deve acontecer o intercâmbio entre teoria e prática.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório. A confecção das edições 20 e 21 do jornal-laboratório *OutroOlhar* estão incluídas entre os trabalhos da disciplina Atividade Programadas em Jornalismo Impresso. Participaram da redação, diagramação, edição e revisão do jornal-laboratório, os alunos que atualmente estão no quinto período de Comunicação Social/Jornalismo: Alexandre Garcia, Andriza Andrade, Camila Caetano, Camila Campanate, Caroline Lomar, Daniel Fernandes, Diego Mendes, Diogo Rodrigues, Erik Oliveira, Felipe Pinheiro, Gustavo Paravizo, Hélio Assa-Fay, Jader Gomes, Jordana Diógenes, Kamilla Bitarães, Kelen Ribeiro, Kívia Oliveira, Lilian Lima, Lucas Gadbem, Lucas Guerra, Luiz Phellipe Souto, Luiza Sena, Marcela Sia, Maria Clara Amorim, Mayara Barbosa, Monizy Amorim, Murilo Araújo, Murilo da Luz, Nayara Souza, Olívia Miquelino, Paula Machado, Priscilla Fernandes, Rayza Fontes, Rodrigo Castro, Rodrigues Alves, Samantha Dias, Sávio Lopes, Thiago Alves.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do quinto período de Comunicação Social/Jornalismo, email: [murilo.rodrigues@ufv.br](mailto:murilo.rodrigues@ufv.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo email: [jlannes@ufv.br](mailto:jlannes@ufv.br)



Acreditamos que a nossa experiência nas atividades do jornal-laboratório é um exemplo do papel que a universidade deve assumir na formação de futuros jornalistas, por meio do processo de ensino-aprendizado: ela deve ser o lugar onde os alunos vivenciam situações práticas dos processos jornalísticos, e os professores, a partir dessas ações, analisam essas experiências por meio de uma reflexão sobre a prática, com a ajuda das teorias que embasam a profissão.

## **2 – OBJETIVO**

O jornal-laboratório é a oportunidade que os estudantes do curso de jornalismo têm de conhecer, na prática, a rotina da produção de sentido dos veículos impressos: desde a produção de pautas, entrevistas, tratamento com as fontes, checagem das informações, leituras complementares, produção, edição e revisão dos textos, resumindo, o processo industrial de se fazer jornal.

Até chegar a esse momento, o aluno passa por uma carga de disciplinas teóricas que vão embasá-lo na atividade prática. O jornal-laboratório faz com que o aluno coloque em prática toda a vivência teórica estudada na universidade. Vieira Júnior (2002) afirma que “incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado”.

Projetos práticos têm a vantagem de incentivar os alunos. Eles podem transmitir muito mais do que aulas expositivas, pois, pelo contato individualizado com o aluno, fazem com que o aprendizado seja efetivo e o tratamento individualizado. No jornal-laboratório, os alunos podem viver e conviver com a rotina do fazer jornalístico, com a vantagem de estarem numa redação laboratorial, onde o ensino não se dá somente pela prática, como também pela reflexão, discussão e análise de todos os passos, da indicação da pauta à publicação dos textos.

No entanto, uma produção jornalística desenvolvida dentro da universidade, como o jornal-laboratório, não deve estar focada só em formar profissionais que atendam às necessidades do mercado; ela precisa também ampliar e desenvolver o relacionamento da universidade com a comunidade na qual ela está inserida.

Dessa forma, o jornal-laboratório *OutrOlhar* não busca somente fazer com que os estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Viçosa vivenciem na prática o fazer jornalístico. As atividades que envolvem o jornal-laboratório buscam também identificar quais são as necessidades e desejos do público-alvo para o qual escrevemos: alunos do



ensino médio de escolas públicas de Viçosa, em geral, sem outros recursos de informação por conta da condição financeira, e que não têm o hábito de leitura.

Para Viera Júnior (2002), os cursos devem formar profissionais que entendam que fazer jornalismo é assumir um compromisso com o leitor, com a ética e com os direitos que regem as sociedades democráticas. O autor acredita que o jornal-laboratório é espaço privilegiado para essa formação, pois ele “deve estar inserido no espírito da comunidade e se preocupar com os anseios e comportamento do leitor. O leitor deve sentir que o jornal está atento a tudo o que ocorre em sua volta”.

Até mesmo porque acreditamos serem dois os papéis do jornalismo na contemporaneidade: informar o leitor e contribuir para sua formação. Não queremos somente informar os leitores de tudo o que acontece em sua volta, mas dar oportunidade para que ele reconheça que não é apenas coadjuvante, mas fundamental para mudar qualquer parte da história. Viera Júnior (2002) resume: “Em verdade, o jornalismo é real e ativo porque, ao mesmo tempo em que reconstitui de forma minuciosa, criteriosa e verídica o fato jornalístico, possibilita ao leitor a enriquecedora e oportuna reflexão”.

### **3 – JUSTIFICATIVA**

Eduardo Meditsch, que participou da comissão instituída pelo MEC para apresentar diretrizes que servirão para reformular os cursos de jornalismo do país, defende que os cursos de jornalismo devem ser “lugares de ‘aprender a aprender’ e de ‘ensinar a aprender’”. Mas, principalmente, de ‘aprender a apreender a realidade’, a partir de um lugar profissional específico” (Meditsch, 2007).

Partindo dessa visão, as atividades que envolvem o fazer jornal-laboratório são essenciais para “aprender a apreender a realidade”. Isso porque o aprender a fazer jornal não deve ser resumir a apenas aprender a escrever por escrever. O aprender jornalismo é uma atividade que deve ser contínua e ininterrupta.

Sendo assim, não se espera do estudante de jornalismo apenas a execução da pauta, mas que ele consiga, ao longo dos dois semestres que integrará e equipe de redação do jornal, compreender a importância do jornalismo para uma sociedade igualitária.

Ao longo do trabalho, espera-se que os alunos vejam que é possível, por meio do jornalismo, transformar a realidade na qual vivemos, respeitando e colocando em prática os direitos sintetizados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

### **4 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Cada turma do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, é composta, em média, por quarenta alunos. O primeiro contato com o jornal-laboratório *OutrOlhar* se dá no quarto período, quando os estudantes são matriculados na disciplina “Atividades Programadas em Jornalismo Impresso”.

Vale ressaltar que, para se matricular nessa disciplina, os alunos precisam ter cursado outras disciplinas que lhes permitem possuir um arcabouço teórico essencial nesse momento prático do curso: Planejamento Gráfico em Jornalismo, Fotografia, Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa, Redação e Expressão Oral, Legislação e Ética do Jornalismo, entre outras.

Para adotar um ritmo de redação-laboratório, os alunos são divididos em grupo, que correspondem às editorias do jornal *OutrOlhar*: Cidade, Ciência e Tecnologia, Comportamento, Cultura, Entrevista, Esportes, Meio Ambiente e Opinião. A divisão é feita pelo sorteio. Em seguida, cada grupo escolhe o editor responsável, sem a interferência do professor.

A primeira atividade do grupo é uma pesquisa feita *in loco* com os leitores do jornal. Essa pesquisa é feita todo ano, com pequenas variações na metodologia. O objetivo é que antes mesmo de escrever para o jornal-laboratório, os estudantes de jornalismo conheçam a realidade para aqueles que vão escrever.

O jornal-laboratório *OutrOlhar* tem como público-alvo os alunos de ensino médio das escolas públicas de Viçosa. A definição desse leitor está baseada na ideia já defendida aqui de que a universidade tem papel fundamental na sociedade. Em vez de focar numa linha editorial que ficasse presa ao universo acadêmico e dependente da direção da universidade, enfim, ao campus, o *OutrOlhar* optou por uma relação escola-comunidade, procurando voltar-se aos interesses da comunidade na qual estamos inseridos. Vieira Júnior (2002) corrobora essa opção quando defende que “a valorização de temas regionais mostra que o jornal-laboratório não é apenas um treinamento meramente laboratorial, mas que pode levar o aluno a se posicionar de forma crítica e refletir sobre a sociedade que o cerca”.

Para isso, os estudantes de jornalismo fazem uma pesquisa nas escolas públicas para saber o que os alunos pensam sobre o jornal, quais as reportagens que sugerem, qual o tipo de abordagem que gostariam nas matérias, como a diagramação do jornal facilita ou dificulta a leitura, entre outras questões que são feitas.

Mais que os questionários respondidos, ajuda aos estudantes de jornalismo a visão da realidade dos alunos para os quais vão escrever. Durante esse processo de pesquisa do



público-alvo, entrevistamos alunos que estudam em escolas com péssimas condições de infraestruturas, outros que só tem o nosso jornal-laboratório como fonte de informação impressa e até mesmo um aluno que disse utilizar do jornal para fazer fogo durante o preparo das refeições.

Esse “choque” ajuda o estudante de jornalismo a ter uma visão mais ampla de como pensa o seu público-leitor (um “outro olhar” da realidade em que ele se encontra), antes mesmo que ele escreva qualquer linha. Vieira Júnior (2002) critica cursos que adotam o jornal-laboratório apenas como exigência do MEC ou para satisfazer o ego do professor/orientador. Ele defende que para a formação ser verdadeira é necessário uma diferenciação no modelo adotado pelo jornal-laboratório e o padrão da grande mídia para que aconteça uma postura na posição do estudante:

Ao manter contato com a comunidade, o aluno passa a trabalhar de modo mais consciente, mais sério e profissional. Na verdade, deixa de ser passivo e se transforma em um questionador e defensor do jornal para o qual trabalha. Ele aprende que o jornalista não é só aquele que tem um bom texto ou que conhece todas as técnicas ou regras para redigir uma matéria jornalística, mas aquele que tem compromisso com seu público. Essa assimilação leva o aluno a refletir que a prática jornalística não é escrever para o colega de sala ou ao professor que o avalia. É o laboratório que se aproxima da realidade de uma redação. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 7)

A postura de pensar no público ao participar da rotina jornalística da edição do *OutroOlhar* deve continuar em todas as etapas do fazer jornal-laboratório. O próximo passo é a apresentação de uma pauta (proposta para reportagem, com possíveis ângulos e pessoas a serem entrevistadas), de acordo com sua editoria, que seja pertinente aos interesses do público-alvo. Nesse momento, cada um apresenta a sua pauta ao restante da turma. Essa dinâmica favorece que outros alunos deem sugestões tanto no enfoque quanto em relação a possíveis fontes, orientando e redirecionando se for o caso.

Em seguida, o estudante de jornalismo vai à rua para colocar sua pauta em execução. Aí sente na pele os desafios de coletar dados, encontrar fontes que sustentem a pauta, abordar novos enfoques de um tema recorrente e, por fim, transformar tanta pesquisa, dados e falas num texto que seja agradável ao leitor ou, nas palavras de Rossi (1994), batalhar pela conquista das mentes e corações do público, utilizando uma arma que tem aparência (e reforçemos, só aparência mesmo!) de extremamente inofensiva: a palavra.

Com a reportagem à mão, é sugerido que, em cada editoria, seja feita uma leitura de todos os textos, para que os colegas sugiram alterações e até mesmo complementos para a



publicação. A avaliação é feita entre os pares, colegas analisando a reportagem do outro, permitindo sugestões e críticas.

Os textos também recebem a avaliação do professor da disciplina que parte da experiência de cada aluno para discutir, analisar e sugerir possíveis mudanças, sempre à luz das teorias antes estudadas. A avaliação, nesse caso, é individual, feita pelo professor.

A diagramação do jornal-laboratório é feita com base num modelo pré-existente, com as mudanças que a turma responsável pelo jornal julgar interessantes. Isso faz com que se mantenha uma identificação visual do jornal, sem mudanças bruscas. Uma das funções do design de notícias, de acordo com a reformulação feita por Moraes (2008), é identificar um veículo. Essa função é cumprida quando o público consegue identificar um jornal por meio de um projeto de identidade visual. As mudanças sugeridas, pela turma que passou a fazer parte da equipe do jornal no ano de 2009 (edições 20 e 21), por exemplo, dizem respeito à adoção de subtítulos nas matérias principais de cada página, na reformulação das legendas e na disposição dos elementos na capa, entre outras. As mudanças se justificam pelo caráter experimental do jornal, em que cada turma pode mudar o perfil da diagramação, sem que isso afete a linha editorial. A turma que assumiu o jornal-laboratório no segundo semestre de 2009 continua os trabalhos em 2010.

O editor de cada editoria é responsável em pensar, juntamente com os alunos responsáveis pela diagramação do jornal, como as informações serão publicadas na página. Todo estudante entrega junto com a reportagem, sugestões de título, subtítulo, fotos, infográficos ou ilustração. Cabe ao editor decidir o que deve ou não ser publicado, de acordo com as discussões dos alunos que pertencem à editoria. A ele também se espera que modifique o texto dos companheiros da editoria quando é necessário, que sugira outro título ou outra ilustração, caso seja preciso pela diagramação da página.

O jornal-laboratório ainda passa por uma equipe de revisão, que trabalha juntamente com a equipe de diagramação, na tentativa de evitar erros ou distorções.

O trabalho, no entanto, não se resume a esses processos. Depois de publicado, o jornal volta à sala de aula, e os estudantes de jornalismo se encarregam da distribuição aos leitores das escolas públicas de ensino médio em Viçosa, ainda orientados pelo professor. Nessa etapa, eles voltam a entrar em contato direto com os leitores. A produção do jornal não se esgota apenas quando se entrega a matéria. No corpo-a-corpo com os leitores, os alunos recebem uma avaliação imediata do trabalho que fizeram. Isso ajuda no direcionamento de enfoques, na observação de erros cometidos nas matérias, na sugestão de



outras matérias e no contato com fontes diferentes. É a avaliação do estudante de jornalismo, feita por seu leitor.

Essa avaliação feita pelo leitor é muito importante quando se pensa no papel que o jornalismo deve desempenhar numa sociedade. Ela é fundamental para que os estudantes entendam que quando participam das rotinas jornalísticas não estão encenando, mas assumindo um compromisso real com a sociedade. Vieira Júnior (2002) ressalta como essas atividades contribuem na formação do novo jornalista.

Num jornal-laboratório o estudante tem o *feedback* da sua produção. É avaliado pelo professor. É criticado pelo colega de redação e também pelo leitor. Esse retorno, quase imediato, oferece a ele subsídios para perceber que um texto jornalístico não deve ser redigido apenas para cumprir tarefas escolares. Ao contrário, deve conter elementos que satisfaçam o interesse do leitor atento e crítico. O estudante é cobrado de público em alguns casos. O que o torna responsável e crítico na apuração do fato jornalístico. (VIEIRA JÚNIOR, 2002, p. 7)

O jornal-laboratório, dessa forma, constitui-se como ferramenta essencial na formação do jornalista, pois permite o cumprimento das diretrizes curriculares do curso de jornalismo, propostas pela comissão nomeada pelo MEC para que os cursos de graduação forme profissionais de jornalismo, embasados não só pela teoria como também pela experiência prática.

## **5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Das atividades que envolvem a produção do jornal-laboratório *OutroOlhar*, espera-se a junção entre as prioridades do jornalismo engajado (políticas públicas, interesses sociais, respeito aos direitos humanos e à multiculturalidade) e as experiências possíveis num ambiente que pretende ser uma redação-laboratório.

Vale, dessa forma, relatar a experiência da turma responsável pelo *OutroOlhar* no segundo semestre do ano passado, durante os trabalhos para a publicação da edição n. 20, principalmente na confecção da matéria que ganhou a capa: “Transporte escolar em perigo”.

A sugestão de pauta foi da aluna Priscila Fernandes para a editoria de Cidade. A pauta foi considerada consoante com o objetivo do jornal-laboratório já que abordava um assunto de interesse público e do público-alvo. A estudante coletou os dados (já existia uma denúncia na Câmara dos Vereadores) e acompanhou o transporte de escolares na cidade (inclusive andou em um dos ônibus utilizados pelos alunos das escolas públicas). Ela verificou várias irregularidades no transporte escolar: ônibus antigos, sem identificação,

número muito maior de passageiros do que assentos – o que faz com que dois alunos ocupem mais de uma poltrona e vários deles viagem em pé, muitos deles com a cabeça para fora nas janelas – ausência do cinto de segurança etc.

Após a apuração, ela fez o texto, que foi discutido por todos da editoria. A estudante passou o texto com as sugestões da editoria ao professor/editor. Ele considerou que faltava ao texto algumas informações sem as quais a matéria não poderia ser publicada, por estar incompleta. O professor também sugeriu um novo enfoque à matéria, menos de denúncia e mais ligado aos interesses dos alunos.

As sugestões foram passadas à aluna e à turma, reunida em uma grande reunião, com todos os alunos/repórteres/editores. Os alunos puderam dar sugestões de como a matéria poderia ser melhorada para a publicação: ouvir mais fontes (pais de alunos que usam o transporte escolar, mais alunos, além da pessoa responsável no governo municipal por fiscalizar o transporte escolar), uma nova abordagem para a matéria, edição do texto, mais fotos, entre outras.

A estudante não conseguiu, durante a primeira apuração, descobrir qual órgão no Município é responsável pela fiscalização. A Secretaria de Educação, procurada pela reportagem, disse apenas que a função da pasta era simplesmente fornecer o transporte e que competia ao DETRAN (Departamento de Trânsito) fiscalizá-lo.

Diante do impasse, o professor questionou se alguém da turma queria contribuir para que a matéria fosse apurada e editada para depois ser publicada. A preferência foi para os estudantes da mesma editoria. No entanto, dois estudantes de outras editorias assumiram o compromisso de contribuir para o que chamamos no jargão jornalístico “levantar a matéria”, isto é, apurar os dados, re-escrever o texto, enfim, mostrar as condições necessárias para sustentar a proposta de pauta e provar que o assunto é de interesse da comunidade.

O primeiro passo para a re-elaboração foi apurar novamente as informações. Os estudantes/repórteres conseguiram a confirmação com o governo do Estado de Minas Gerais que uma verba do Estado é direcionada à Prefeitura para o transporte escolar. Foi preciso uma pesquisa para descobrir qual o órgão municipal é responsável pela fiscalização do transporte escolar (a Secretaria Municipal de Trânsito e Segurança Pública). A equipe de reportagem entrevistou o secretário da Pasta. Ele disse que, apesar de ser a fiscalização do transporte escolar uma de suas funções, nunca ocorreu no período que ele está à frente da Secretaria (desde o início de 2009), porque não cabia a ele adivinhar que a fiscalização é sua competência.



Outra fonte entrevistada foi uma mãe de duas alunas que utilizam o transporte escolar. Apesar de sair todos os dias do trabalho para colocar os filhos dentro dos ônibus (os alunos saem da escola e vão para o ponto de ônibus a pé), ela disse que considera os alunos os responsáveis pela própria segurança.

Nesse processo, os estudantes que formaram a equipe responsável pela matéria também ficaram encarregados de tirar mais fotos, com a preocupação ética de não identificar nenhum usuário do transporte escolar, já que eles são menores de idade.

Depois da segunda apuração, a equipe de reportagem voltou à sala de aula/redação para pensar na linguagem que seria adotada no texto. Com dados tão preocupantes e o descaso do poder público diante da situação, corria-se o risco de que a reportagem tivesse um caráter muito denunciante. Vieira Júnior (2002) analisa o tipo de linguagem que os jornais-laboratórios devem utilizar: “a linguagem não é a mesma do jornal-empresa que se direciona mais ao real imediato, ou seja, ao fato acontecido em menos de 24 horas, a não ser que tenha ritmo de jornal diário”. Para o autor, a linguagem não pode ser meramente informativa, mas ideal para que se possibilita ao leitor uma reflexão sobre os fatos e uma postura crítica para enfrentar a realidade.

Foi pensando nisso que a equipe de reportagem utilizou-se de uma linguagem que atraísse os alunos para o tema, tão comum à realidade deles e que, muitas vezes, passa despercebido, como algo natural. Alguns alunos chegaram a dizer que ter o transporte escolar já era um “favor” da Prefeitura. Por isso, o texto e a diagramação das páginas querem levar o leitor a refletir que o uso de um transporte escolar com mínimas condições de segurança e conforto é uma obrigação do governo e que ele pode questionar aos órgãos competentes para ter seu direito garantido. Tanto é que colocamos na reportagem um quadro que reproduz algumas das leis que garantem o transporte escolar (Constituição Federal, Código de Trânsito Brasileiro e leis municipais).

Todo esse processo de edição e revisão do texto foi enriquecedor para a formação dos futuros repórteres, pois contou com a discussão de todos os alunos da turma e a orientação do professor. Tanto é que apesar de três alunos assinarem a matéria, ela é considerada como representativa de um esforço da turma, uma vez que todos contribuíram com sugestões para a confecção da mesma. O mesmo assunto foi depois abordado pelo principal jornal impresso da cidade de Viçosa, o “Folha da Mata”, mostrando a gravidade da situação que antes não era retratada.

## **6 – CONSIDERAÇÕES**



A formação de futuros jornalistas deve levar em conta tanto o embasamento teórico e a fundamentação humanística, necessários para a prática da profissão, como atividades práticas, nas quais os alunos poderão conviver com situações jornalísticas corriqueiras numa redação. Elas são oportunidades ricas para que os alunos não só vivenciem à flor da pele a rotina dos jornalistas, mas também para que possam ter a oportunidade de refletir, juntamente com o professor, diante do suporte teórico.

Com esse trabalho, esperamos ter relatado como as atividades para desenvolvimento do jornal-laboratório *OutrOlhar*, na Universidade Federal de Viçosa, contribuíram para que alunos conseguissem aprender, na prática, como é o trabalho cotidiano do fazer jornalístico: os desafios da apuração, a confecção da notícia, a diagramação da página para facilitar a leitura e tornar o jornal atrativo.

No entanto, o aprendizado não acabou por aí. As atividades do jornal-laboratório *OutrOlhar* não foram responsáveis só pela formação de um jornalista genérico, esperado pelo mercado de trabalho. Acreditamos que para muitos alunos foram verdadeiras aulas práticas de como ser um jornalista comprometido, de espírito crítico e responsável, prontos para a construção de uma realidade diferente, mais humana e igualitária, mesmo que isso ainda seja utópico para alguns.

## REFERÊNCIAS

MEDITSCH, E. B. **Novas e velhas tendências:** os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, v. 1, p. 41-62, 2007.

MORAES, ARY. **A forma da notícia.** In: **Edição de imagens em jornalismo.** Edunisc, Santa Cruz do Sul, 2008.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** São Paulo: Brasiliense, 2005.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório.** Tese de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.